

Wadjô pediu demissão logo que chegou a Brasília

PROSTIBULO SALVADOR

Havia um cidadão que em sua cidade fracassara em todos os ramos de negócio. Abriu uma farmácia, para falir depois. Mudou de ramo, faliu também. Um bar lhe deu prejuízo, e ele veio dar com os costados em Brasília.

Era realmente um homem de azar, e aqui estava no mesmo caminho. Um dia lhe apareceu a oportunidade de arrendar um hotel na Cidade Livre. Arrendou e começou a dar prejuízo. Ele transformou o hotel em prostíbulo. O dinheiro começou a brotar por todos os lados. Pagou as dívidas, passou a comprar à vista, e a viver uma situação que nunca vivera antes nem imaginara um dia na sua vida.

Melhorou de vida, comprou automóvel, passou a viver bem melhor.

Mas aí foi a família. A esposa recusou-se a aceitar a nova situação, e um dia lhe disse que ia se separar. Não toleraria ser esposa de um dono de prostíbulo. Foi um drama tremendo em toda a família. Os filhos, desconfiados, não aceitavam também a idéia do prostíbulo, mas viam nele a salvação de uma situação financeira que nunca fora regular como naqueles dias.

O homem pôs as mãos na cabeça, e correu para o Padre Roque. Explicou todo o seu drama, e pediu sua interferência. Padre Roque era pau para toda obra, e foi à casa dele falar com a mulher e os filhos.

A conversa foi maneira, no começo. Tomando pé da situação, o pároco ia ouvindo opiniões, pesando, medindo e contando o que ouvia.

Em meio à conversa, vira-se para a esposa do amigo e pergunta-lhe de chofre. A senhora é uma mulher honesta?

A resposta demorou, e não veio antes de um olhar severo de advertência ao que lhe perguntara o padre.

E é o Padre Roque, quem termina: "então vá para o caixa! Ajude seu marido, que afinal teve a primeira oportunidade na vida".

E não aconteceu outra coisa. Brasília precisava de todas as profissões.

VISITA DE CHATEAUBRIAND

Eisenhower chegava a Brasília, a convite de Juscelino, e aqui assinava uma declaração em conjunto, cujo marco ainda hoje existe à entrada da avenida que vai dar às embaixadas.

No avião de dona Sarah, Assis Chateaubriand estava como convidado especial, e veio conhecer a cidade.

Em Brasília ciceroneado por Hindemburgo Pereira Diniz, quis conhecer o prédio em construção do Correio Braziliense. Rodaram mais de duas horas em todas as direções, e o motorista não conseguiu encontrar o acampamento.

Já por volta das 11 da manhã, Chateaubriand finalmente conseguiu encontrar o acampamento da TV Brasília, de onde depois partiu para as solenidades de inauguração da embaixada americana.

Lá, os jornalistas ficaram num caminho, parado à distância, e por segurança, ninguém podia sair de onde estava. Um grupo de "Marines" se postava em frente aos fotógrafos, e dificultava demais a operação dos profissionais.

Foi quando um deles lembrou de chamar o jornalista, gritando bem alto: "Doutor Assis, tire estes homens daqui da frente, para a gente poder trabalhar!"

Avesso a protocolo o dr. Assis chegou com tranquilidade, e mudou a posição dos soldados, que havia sido cuidadosamente estudada meses antes pelo serviço de segurança americano.

DESCANDANGAR

Na construção de Brasília apareceu muita palavra nova, e candango era uma, cuja origem ainda hoje se discute. Mas o verbo "descandangar" quem inventou foi Caio Caiubi.

Ele tinha um porto de areia, com uma draga, e fornecia material para a construção de Brasília.

Vindo de uma família de renome, Caio logo se adaptou à vida, à beira do rio. Aos sábados, ele usava botas lim-

pas, mudava roupa mais fina, vestia paletó e gravata, e vinha ao Plano Piloto. Ficava no Brasília Palace, e dizia que vinha "descandangar". Sentava no restaurante, no bar, dançava na boite e depois voltava de madrugada para seu trabalho que começava cedo demais, e só podia crescer ante os olhos do dono.

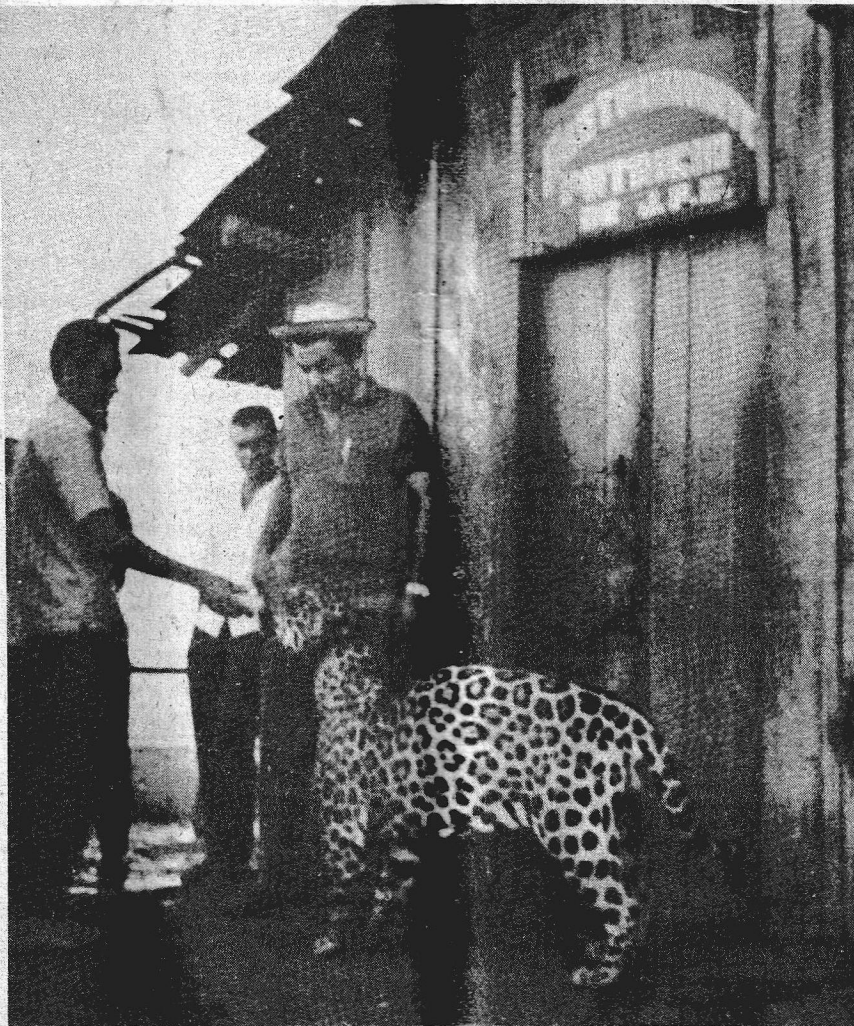
MOVIMENTO EXTRAORDINARIO

Houve uma época em que a Cidade Livre explodia em progresso. O comércio trabalhava dia e noite, e muitas vezes os acampamentos mandavam

compradores às pressas, de madrugada, comprar mais colchões ou camas para os candangos, a fim de resolver uma situação de emergência.

Nesse crescimento monstruoso, situou-se também o Posto Colombo, que ainda hoje existe no Núcleo Bandeirante, no cruzamento da 2ª Avenida com a pista de entrada.

Nos primeiros meses de 1960, o posto ainda pertencia ao Jazon, de Goiânia, e era considerado o segundo posto de gasolina em movimento no Brasil, segundo estatística das companhias distribuidoras de petróleo.



Deixando as delícias petropolitanas, Eduardo Dantas Ramos aqui aportou pelos idos de 1957, para trabalhar na Novacap, onde chegou a chefe da Documentação, que era, na época, um dos mais importantes departamentos da Companhia. Relações públicas nato, fez muitos ami-

gos, e para provar sua vocação, fez relações públicas também na selva, onde provou que não precisa ser amigo da onça para conviver com ela. Aí está uma prova, dos tempos idos de pioneirismo, onde Eduardo aparece, na Belém-Brasília, sem acariciar, mas também sem temer um belo exemplar de onça pintada

ATESTADO DE POBREZA

Começava o ano de 1958, quando um engenheiro recém formado procurou a Novacap, desejoso de trabalhar na construção de Brasília. Foi admitido imediatamente. Era Wadjô Gomide, que depois viria a ser Prefeito do Distrito Federal.

Wadjô vem de uma linhagem de criadores de gado e estudou engenharia civil para ajudar a tradição, mas com outros conhecimentos. Não era, então, um engenheiro que tivesse urgência de emprego, nem também era um diletante. Queria exercer a profissão.

Nesse tempo, os engenheiros compravam carros à prestação, fichavam-nos na Novacap, recebiam mais ou menos a importância da prestação, e com isto ficavam com o carro sendo pago pelo serviço que ele prestava à Novacap, isto é, transportar seu próprio dono.

O novo engenheiro, entretanto, não comprou carro à prestação. Trouxe um Chevrolet importado último tipo para andar na lama e no barro.

Um dia, seu chefe, o dr. Peri da Rocha França, pôe-lhe a mão no ombro, e sugere que troque seu carro por um jeep, porque o gabarito de engenheiro da Novacap não era de possuir carro como aquele, e que isto poderia vir a ser mal interpretado.

Wadjô foi toda vida um homem esourado, e de solução para o momento. Virou-se para o dr. Peri e concluiu: "Se for preciso atestado de pobreza para ser engenheiro da Novacap, me dê logo minha demissão".

Quando Eisenhower veio visitar Brasília, uma equipe de técnicos em comunicações esteve meses a fio no Brasília Palace Hotel, e foi montada uma estação de rádio que possibilitava ao presidente falar com a Casa Branca até de seu automóvel.

Esses homens, antes de se familiarizarem com a cidade e seu povo, viam um certo constrangimento de

habitar uma cidade que era um canteiro de obras.

Um deles foi fazer a barba, e ao final, o nosso barbeiro, utilizando o sistema latino-americano, borrifou álcool no seu rosto.

O homem já desconfiado, quando sentiu que era álcool, achou que estava sendo vítima de uma agressão, e com os pés jogou o barbeiro fora da sala, virou a cadeira, e só a muito custo foi dominado, quando lhe avisaram que o que havia sido feito era normal nas nossas berbearias.

VILA AMAURY

A chegada de candangos de toda a parte fez crescer a "Sacolândia", uma favela feita de sacos de cimento vazios. Já estava criando problema.

Foi nessa ocasião que o dr. Ernesto Silva, então diretor administrativo da Novacap, mandou um funcionário, Amaury Almeida, conversar com o pessoal da Sacolândia, e explicar que todo o mundo ia ser despejado dali.

Mas havia uma dificuldade. Onde alojar tanta gente? Seria impróprio para a Novacap, construir um acampamento para os que ainda não conseguiram emprego. Iria ser um precedente ruim. Mas veio a solução: manda todo o mundo fazer barraco de madeira, provisório, no lugar onde será o lago. E avisa: fica lá até o lago crescer. Quando o lago se formasse, essas casas estariam dentro d'água, e a cidade deixaria de existir. Foi assim que nasceu a Vila Amaury.

Passa um ano, o lago começa a se formar, a tomar água. Os barracos atingidos eram mudados de noite mais para cima. E assim todos fizeram. Quando o lago atingiu o cota mil, não havia um único barraco submerso, e um comércio enorme dominava toda a vila Amaury, que já se juntara à Vila Planalto.

Até que um prefeito resolveu acabar com a Vila Planalto, levando todos os barracos para o Gama. Foi outra história triste, que só o pobre suporta.